

## **Pistas para um método ziguezague: trajetos entre fluxos vestíveis e design de moda**

Prof. Dra. Cristiane Mesquita (Programa de Mestrado em Design - Universidade Anhembi Morumbi - SP)

### **Resumo**

Este artigo propõe uma breve investigação sobre o traçado ziguezague, assim como abordado pelo filósofo francês Gilles Deleuze. Articula essa perspectiva com a concepção cartográfica, proposta metodológica apresentada por ele, juntamente com o psicanalista Felix Guattari. Nesse sentido, aponta pistas para uma metodologia de pesquisa e uma estratégia de escrita pertinentes a determinadas investigações no campo do Design de moda. Nosso percurso se faz também na companhia de outros autores que abordam a cartografia, tais como Suely Rolnik e Luis Orlandi.

**Palavras-chave:** ziguezague, cartografia, Design de moda

### **Abstract**

This article aims to purpose a brief investigation of the zigzag path, as discussed by the French philosopher Gilles Deleuze. It articulates this perspective with the cartography view, proposed by him beside the psychoanalyst Felix Guattari. In this way, it points clues to a research methodology and a writing strategy relevant to specific investigations in the field of fashion design. Our route also occurs in the company of other authors who investigate cartography, such as Suely Rolnik and Luis Orlandi.

**Key-words:** zigzag, cartography, fashion design

### **Introdução**

“Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro”  
(DELEUZE, 2006, p.18).

Este artigo apresenta uma breve abordagem do método de pesquisa e estratégia de escrita exercitados em *Políticas do vestir: recortes em viés*<sup>1</sup>, tese que examina linhas de força que atravessam os fluxos vestimentares em

diferentes perspectivas, abordagens e planos conceituais. No referido trabalho, o traçado zigzague, tal como abordado pelo filósofo francês Gilles Deleuze na série *O abecedário de Gilles Deleuze*<sup>2</sup>, foi tomado como estratégia metodológica e dissertativa.

A tese parte dos modos de funcionamento da principal personagem do documentário *Jardelina da Silva: eu mesma*<sup>3</sup>. Silva é tomada como personagem conceitual, catalisadora de movimentos e agenciamentos de outros conceitos que compõem a tessitura do trabalho. As considerações finais da tese também são construídas de modo a apontar produções no campo da arte contemporânea que possam fazer os mesmos conceitos operarem em outros registros, na tentativa de potencializar os sentidos das proposições explanadas ao longo do trabalho.

Nesse sentido, pode-se considerar a tese mencionada como a produção de uma geografia referencial, um diagrama conceitual construído com alianças entre a Filosofia diversas variáveis relativas aos fluxos vestimentares: conexões em zigzague.

Além disso, a investigação conceitual é realizada a partir de verbos no infinitivo. Essa escolha tem a intenção de preservar para os conceitos alguma possibilidade de dispersão. Em outras palavras, a proposição que pressupõe uma conjugação verbal, seria uma tentativa de garantir aos conceitos a condição de delineadores de procedimentos, disparos e fluxos.

Em nossa compreensão, esta composição conceitual, que conjuga o verbo zigzaguear, parece estar inserida numa perspectiva metodológica mais ampla, também proposta por Deleuze - em companhia do psicanalista francês Felix Guattari - e denominada por eles de “concepção cartográfica”. Dessa forma, no sentido de iniciar uma discussão sobre o uso de tais abordagens em pesquisas focadas no campo do Design de moda, este artigo abordará brevemente alguns aspectos de ambos os procedimentos.

## **ziguezague**

Começamos nosso percurso, inspirados pelo olhar do filósofo Gilles Deleuze sobre a última letra do alfabeto: o desenho do z. Ângulos - por vezes agudos, abertos e surpreendentes, por vezes mínimos e obtusos - nos possibilitam o relacionar de potenciais e singularidades díspares, o relacionar em ziguezague. Deleuze vai longe na perspectiva de compreensão do z, contagiado pela Física e pelas teorias Zen, para pensá-lo como lógica de relação presente no caos e possível movimento que presidiu a criação do mundo. A imagem que ele apresenta para fazer visualizar uma *perspectiva z* é o vôo da mosca, belo e produtivo, exatamente por permitir ao inseto díptero, escapes incríveis das mãos humanas e das línguas predatórias: fugas estratégicas de aprisionamentos tão simples quanto fatais.

O ziguezague é, antes de mais nada, efeito de um movimento que promove uma “diferença de potencial”. A *perspectiva z* vive das possibilidades de itinerâncias e trânsitos entre variáveis e planos, de modo que um escape de uma dimensão - angulosa em diferentes graus e sentidos - seja capaz de produzir retornos diferenciais à zona de origem. Esta, por sua vez, também estará disponível à variação, pelo próprio movimento que ali se produziu. Ir de um ponto a outro ponto, em outro lado, n'outro plano. Retornar ao lado inicial, num outro lugar. Novamente ir ao plano oposto, ou complementar, ou adjunto ou paralelo, mas necessariamente outro. E retomar a dimensão do plano original, depois de ter realizado uma trajetória, incorporando no processo aquilo que a própria trajetória implica.

Nessa linha de pensamento, propomos que o termo ziguezague deva ser escrito em letras minúsculas, de modo a não privilegiar nenhum ponto da trajetória, nem a linha de partida, nem algo que se configura momentaneamente como a reta final, mas sim a diagonal propositiva dos percursos. Não há uma inicial maiúscula, nem um pensamento majoritário de onde se deve partir: zigue e zague ressaltam relações e continuidade do movimento. Dizem respeito a permanecer na própria velocidade, encontrar equilíbrio dinâmico e não cessar possibilidades de relação. Esta proposição

ressalta que a produção de distâncias a partir de um conceito não deve ser compreendida de modo a gerar uma “identidade de contrários”. Deleuze propõe uma distância positiva dos diferentes: não identificar dois contrários, mas afirmar sua distância com aquilo que os relaciona, um ao outro, enquanto ‘diferentes’.”<sup>4</sup>

“O raio!”, exclama Deleuze ao se remeter às teorias do Caos, nas quais este fenômeno é compreendido como evento que ilumina a relação entre potenciais. Nesse sentido, considera que os z’s são trajetos capazes de tornar os conceitos explosivos, de modo que eles se distribuam e se refaçam na conexão entre diferentes planos de teoria e ação. Num ziguezague são bem vindos os conceitos *vagabundos*, aqueles que vagueiam, que nunca se firmam, nunca se fixam. São nômades e não resistem como *essência*: “eles estão na batalha do sentido e não do significado.”<sup>5</sup>

Para Deleuze e Guattari, uma outra imagem reveladora das qualidades do movimento ziguezague é a dança de acasalamento do peixe esgana-gata, espécie comum em água doce da região atlântica e mediterrânea. Eles descrevem a dança do macho - que muda de cor e constrói ninho - para induzir a fêmea grávida a segui-lo para o abrigo onde os ovos serão fertilizados. Assim o esgana-gata garante a vida: “seu ziguezague é um motivo onde o zigue esposa uma pulsão agressiva em direção ao parceiro, o zague uma pulsão sexual em direção ao ninho, mas onde o zigue e o zague são diversamente acentuados, e mesmo, diversamente orientados.”<sup>6</sup>

Nessa perspectiva, podemos considerar o ziguezague como um percurso multidimensional, o que nos permite enfatizá-lo como produtor de trajetórias que trespasam planos de diferentes naturezas, qualidades e características. Dessa forma, considerar este movimento como metodologia de pesquisa, tomar o movimento z como verbo e método significa criar linhas no espaço e constituir (novos) planos dimensionais. Tais movimentos diagonais nos remetem à direção das tesouradas num corte de tecido em viés. Feita na transversal, a técnica do corte enviesado torna a matéria-prima mais maleável,

as fibras mais elásticas, o caimento de uma roupa mais flexível e os movimentos mais fluidos.<sup>7</sup>

Essa espécie de disponibilidade à deriva e à fluidez, no entanto, não se faz sem critérios: os movimentos entre planos e campos, as interferências mútuas se dão por ressonância e com o auxílio dos “intercessores”, sem os quais qualquer relação se tornaria infértil. Quando um plano - um personagem, uma matéria, um conceito, uma obra - se torna visível, é por ter sido disparado ou entrado em ressonância com o plano de onde se falava anteriormente. Deleuze nos ajuda a compreender os intercessores: eles podem ser fictícios ou reais, animados ou inanimados, podem ser pessoas ou obras, trabalham para os filósofos, para os artistas ou para os cientistas, sem hierarquias. Também nos confere a possibilidade de fabricá-los, uma vez que eles se exprimem justamente a partir de sua própria criação.<sup>8</sup> Tal proposição nos parece fazer visualizar o relacionar de potenciais e singularidades, mencionados na introdução desta abordagem, sobre o traçado ziguezague, ao mesmo tempo que nos remete a um traçado mais complexo que nos guia para um breve exame da concepção cartográfica.

## **Cartografia**

O método da cartografia é proposto por Gilles Deleuze e Felix Guattari em diversos momentos de suas obras, especialmente no primeiro volume de *Mil platôs*. Ali os autores exploram “Princípio de cartografia e de decalcomania”. Afirmam, numa aproximação do método com o conceito de rizoma, que

“(…) o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.22).

Cartografar pressupõe a concessão de um certo privilégio a processos inacabados, investigações em curso, montagens abertas à transformações, traçados de linhas que configurem uma espécie de “microscopia do como”<sup>9</sup>, de modo que alguns por quês se desenhem, fazendo a tomada do campo problemático “pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente”<sup>10</sup>.

Nesse sentido, Orlandi nos lembra que “a região do misto é sempre uma aventura”<sup>11</sup>. Manter-se “entre” é, de algum modo, tornar-se o próprio caminho, é “ter um saco onde coloco tudo o que encontro com a condição de que me coloquem também em um saco”<sup>12</sup>: produção operada por arranjos que tornam o próprio arranjador, também uma matéria prima, além de contaminar a própria forma de escrita ou registro de pesquisa.

Tatear, experimentar caminhos processuais e organizar um trajeto de perspectivas compreende um trabalho sem destino certo e pressupõe trânsitos na companhia de questões sempre sujeitas à turbulências e reviravoltas: “produção de pensamento que se define no movimento do aprender e não no resultado de saber”<sup>13</sup>.

Diversas passagens da obra de alguns de nossos autores aliados pontuam ações pertinentes a esta metodologia: “achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar”<sup>14</sup>, “montar numa vassoura de bruxa”<sup>15</sup>, transitar a bordo de um “tapete voador”<sup>16</sup>, “sujar as palavras e não purificá-las”<sup>17</sup>... Varredor, surfista, ladrão, improvisador, garimpeiro, carrapato ou piolho<sup>18</sup>: imagens-personagens que convocam certa coragem na configuração de um percurso que impõe ao pesquisador uma disponibilidade ao instável, uma espécie de interesse em coabitar o entorno dos romances policiais e das ficções científicas, formas literárias evocadas por Deleuze para afirmar uma Filosofia que trate os conceitos como interventores: situações nas quais é necessário saber *como? Onde? Quando? Com quem?* - no caso dos romances - e que, assumidamente aventureira, revela pontos fracos e pontos de não-saber - característicos das ficções.<sup>19</sup>

Por essas e outras, uma concepção cartográfica e ziguezagueante nos remete a uma certa fragilidade. Longe de negar a atmosfera acadêmica que, em geral, atravessa uma pesquisa, um artigo ou uma tese, esta fragilidade deve ser entendida como uma opção sistematizada, uma preferência assumida pela exposição de latitudes e longitudes, pela produção de distâncias que façam os conceitos plásticos o bastante para serem invadidos pela experiência e pelos acontecimentos, no sentido de apontar traçados, sem propriamente definir mapas. E também, no sentido de perdurar com as questões, viver nelas e com elas.

Ainda que seja inevitável, a turbulência desses movimentos é amparada justamente por encontros teóricos que norteiam as linhas cartográficas e que recortam o pensamento para suas apresentações. Permeado pelo princípio de multiplicidade<sup>20</sup>, os resultados de uma pesquisa em ziguezague não são produzidos por um *eu*, sequer por diversos, mas sim por inúmeras linhas, algumas segmentadas, outras multiplicadas, agenciamentos que abdicam daquilo que reside no *pessoal* e assumem a constituição de um plano múltiplo. Dessa forma, aquilo que se configura como expressão já não se localiza mais apenas num corpo teórico ou em outro prático, em Deleuze ou em Rolnik, em Guattari ou em Mesquita, nem nos outros sobrenomes apontados nas referências bibliográficas. Nessa configuração, encontram-se pessoas, movimentos e linhas teóricas de modo que uma abordagem seja sempre um mapeamento de políticas de relação que operem em movimento *z*, conectando intercessores e apresentando problematizações e experimentações do pensamento de modo a instaurar conceitos, como um raio. E os fazer fugir, como moscas.

Nesse contexto, o nome que assina este artigo e disparara recortes enviesados se torna aquilo que se dá nos encontros e se insere na perspectiva de “quebrar todo círculo em prol dos polígonos”<sup>21</sup>, explodir linhas, enviar proposições, assinar todos nós, assinar *z*.

Ao encaminhar nosso trajeto para a finalização, vale lembrar que, além de minimizar a importância da autoria em prol das alianças, essa dinâmica que se

faz norteada pelos princípios uma concepção cartográfica mais valoriza percursos do que chegadas. Estas nos interessam, justamente, por nos permitir permanecer na questão. E seguir com ela.

### **ziguezagues de saída**

As considerações finais num percurso cartográfico também podem ser pensadas numa *perspectiva z*: linhas de saída sem pretensões conclusivas, caminhos que ressaltem inflexões nos ângulos pelos quais se deu o trajeto e ressonâncias que apontem outras trajetórias.

Nesse sentido, por hora finalizamos nossa abordagem com uma indicação conceitual para possíveis trajetos futuros. Novamente convocamos Deleuze. Nos vale um outro conceito do filósofo que, em determinado momento de sua obra, é relacionado ao campo do vestir: os fluxos vestimentares<sup>22</sup>. A expressão parte das considerações que o autor tece em torno do conceito de fluxo<sup>23</sup> e, nesse caso específico, é tomado para designar um regime de fluxos que perpassam os vestíveis em seus aspectos materiais e técnicos, assim como em seus atributos incorporais e simbólicos, todas as instâncias sendo responsáveis pelos vetores que delineiam políticas do vestir.

Desta forma, ressaltamos as possibilidades de utilização do traçado zigzague e da concepção cartográfica em investigações no campo do Design de moda, considerando-o, *a priori*, como vertente de um território de compreensão e abordagem do vestir mais amplo, em constante relação com outras variáveis e em conexão com outros campos do conhecimento. Além disso, partindo das considerações tecidas neste artigo sobre perspectivas metodológicas que valorizam o relacionar de diferentes potenciais, salientamos que uma concepção múltipla e indicativa de conexões, é produtiva para enriquecer investigações de uma área que, frequentemente, se relaciona com diferentes campos teóricos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGON, Luis Eduardo. *O anti-édipo não é anti-psicanálise*. Disponível em: <[www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/antiedipoaragon.pdf](http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/antiedipoaragon.pdf)> Acesso em: 30 ago. 2008.

BOUTANG, Pierre-André. *O Abecedário de Gilles Deleuze* – Filmada nos anos 1988-1989, lançada pelas Éditions Montparnasse, Paris, 1994-1995. Tradução e legendas: Raccord [com modificações]. 1988-1989. Transcrição disponível em: <[http://www.oestrangeiro.net/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=67](http://www.oestrangeiro.net/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=67)> Acesso em: 10 mai. 2010.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974

DELEUZE, Gilles. *A Dobra: leibniz e o barroco*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papyrus, 1991.

\_\_\_\_\_. *Conversações: 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. *A ilha deserta e outros textos (1953-1974)*. Org: David Lapoujade e Luiz B. Orlandi. Trad. Luiz B. Orlandi e outros. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2006.

\_\_\_\_\_. *Diferença e repetição*. Trad. Luis Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Editora Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. *Anti Oedipe et Mille Plateaux: Cours Vincennes*. 16/11/1971, p.5. Disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=115&groupe=Anti Oedipe et Mille Plateaux&langue=1>. Acesso em: 30 ago. 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Trad. Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol 4*. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

- 
- 1 MESQUITA, Cristiane. *Políticas do vestir: recortes em viés*. Orientação: Prof. Dra. Suely Rolnik. PUC/SP, 2008. Disponível em [http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=8152](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8152).
- 2 BOUTANG e PARNET, 1994-1995 - letra z.
- 3 Jardelina é tema do projeto de pesquisa para roteiro de videodocumentário Roupas-território de existência: Jardelina da Silva e sua assinatura no mundo, premiado pelos Rumos Visuais Itaú Cultural/2001 – São Paulo/SP. Consiste numa investigação sobre a potência do vestuário, por meio das radicais manifestações da personagem. Parte da pesquisa e coleta de imagens foi realizada no ano 2000. O roteiro foi escrito em agosto de 2002. O documentário Jardelina da Silva: eu mesma, foi finalizado em janeiro de 2006 e integra a tese Políticas do vestir: recortes em viés, referenciada na primeira nota deste artigo.
- 4 DELEUZE, 1974, p.178.
- 5 Aula do Prof. Luis Orlandi, PUC/SP – 04/04/2007.
- 6 DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 125.
- 7 Características atribuídas pela estilista Simone Mina, à técnica de corte e costura denominada viés, por ocasião de entrevista sobre a exposição Viés. Galeria Vermelho, São Paulo, 20/04 - 14/05/2005. Curadoria: Ricardo Oliveros. Informações sobre a mostra disponível em: < [http://www.galeriavermelho.com.br/v2/exposicoes.asp?id\\_exposicoes=37&anoCorrente=2005](http://www.galeriavermelho.com.br/v2/exposicoes.asp?id_exposicoes=37&anoCorrente=2005)>. Acesso em: 20 ago. 2008.
- 8 DELEUZE, 1992, p.156.
- 9 Aula do Prof Luis Orlandi PUC/SP – 04/04/2007.
- 10 DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 35.
- 11 Aula do Prof Luis Orlandi PUC/SP – 16/05/2007.
- 12 DELEUZE; PARNET, 1998, p.16.
- 13 Ibid, p.34.
- 14 Ibid, p.16.
- 15 DELEUZE, 1991, p. 193-194.
- 16 ROLNIK, 1989, p. 67.
- 17 Aula do Prof Luis Orlandi PUC/SP. 23/11/2005.
- 18 O carrapato fica no alto, ele tem uma relação com a luz. É pelo olfato que ele percebe a passagem de um corpo. Então se deixa tombar, em regiões quentes e sem pelos. Ele espera a passagem de algo que o faça viver melhor. Aula do Prof Luis Orlandi PUC/SP – 24/09/2006. “Animais chatos das superfícies”, afirma Deleuze, em defesa de uma lógica dos sentidos que perverta uma filosofia da profundidade. DELEUZE, 1974, p. 136. Sobre os três afetos e a ética de composição do carrapato com aquilo que aumenta sua potência ver DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 42-43.
- 19 DELEUZE, 2006, p.18.
- 20 Quando escrevem juntos, Deleuze e Guattari esclarecem que não se trata de duas pessoas, mas de várias: “fomos ajudados, aspirados, multiplicados” ou ainda, “não trabalhamos juntos, trabalhamos entre os dois.” DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16.
- 21 DELEUZE; PARNET, 1998, p.27.
- 22 DELEUZE & PARNET, 1998, p.128.
- 23 “Fluxo é qualquer coisa, em uma sociedade, que corre de um pólo a outro, e que passa por uma pessoa, unicamente na medida em que as pessoas são interceptadores.” Deleuze, 16/11/1971, p.5. Disponível em: <<http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=115&groupe=Anti Oedipe et Mille Plateaux&langue=1>>. Acesso em: 30 ago. 2008. Em outro momento de sua obra, Deleuze se refere ao fluxo da seguinte forma: “é uma noção de que precisávamos como noção qualquer não qualificada. Isso pode ser um fluxo de palavras, de idéias, de merda, de dinheiro, pode ser um mecanismo financeiro ou uma máquina esquizofrênica: isso supera todas as dualidades.” DELEUZE, 2006, p.280. Devo ao pesquisador Luis Eduardo Aragon esta compilação sobre o conceito, citação, presente em seu texto O anti-édipo não é anti-psicanálise. ARAGON, 2008, p.8. Disponível em: <[www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/antiedipoaragon.pdf](http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/antiedipoaragon.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2008.